



Flor do Carmelo

Boletim informativo da Ordem Secular dos Carmelitas Descalços

N.º 28-29 – 2008

MÁRTIRES VIVENTES

O Concílio Vaticano II na Constituição *Lumen Gentium*, capítulo V, em que trata do chamamento universal à santidade, faz a seguinte afirmação: “Deus é caridade e aquele que permanece na caridade permanece em Deus e Deus nele” (1 Jo 4, 16). E continua: “Deus difundiu a sua caridade nos nossos corações por meio do Espírito Santo que nos foi dado (cf. Rom 5, 5); por isso, o dom principal e mais necessário é a caridade, pela qual amamos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo por causa d’Ele”.

E todos os meios de santificação se não nascem da caridade e a ela conduzem não têm sentido nenhum: “A caridade... comanda todos os meios de santificação, dá-lhes forma e condu-los à perfeição. Daí que seja a caridade, para com Deus e para com o próximo, o sinal do verdadeiro discípulo de Cristo”.

E a seguir o Concílio apresenta-nos Jesus Cristo como o modelo desta caridade: “Como Jesus, Filho de Deus, manifestou a sua caridade, entregando a vida por nós, ninguém tem amor maior quer aquele que dá a sua vida por Ele e pelos seus irmãos”.

Como a vida de fé é resposta a uma proposta de amor, o cristão sempre esteve animado por este desejo de responder ao amor de Jesus na mesma medida. Aparece então o martírio como máximo expoente de caridade: “A dar este testemunho máximo de amor diante de todos, principalmente diante dos perseguidores, foram chamados alguns cristãos já desde os primeiros tempos, e outros continuarão a sê-lo sempre. É por isso que o martírio, pelo qual o discípulo se assemelha ao Mestre que aceitou

livremente a morte pela salvação do mundo, e a Ele se conforma na efusão do sangue, é considerado pela Igreja como doação insigne e prova suprema da caridade. Se poucos o chegam a sofrer, todos devem estar prontos a confessar Cristo diante dos homens e a segui-l’O pelo caminho da cruz, no meio das perseguições que nunca faltam à Igreja”.

Uma vez que acabaram as perseguições em massa, na impossibilidade de o padecer, aparece na Igreja a prática dos conselhos evangélicos como uma substituição

do martírio. Os que vivem a prática dos conselhos evangélicos são considerados na Igreja como mártires vivos, mártires da caridade. Mas, como sinal máximo de caridade está sempre presente o martírio. O martírio está sempre no horizonte do cristão.

Nalgumas *Actas dos mártires* Jesus é apresentado como o protótipo do mártir. E os mártires cristãos são considerados como seguidores do mártir Jesus. Muito rapidamente, se elabora a imagem de Jesus que sofre, como exemplo para todos os que padecem injustamente a causa da sua fidelidade a

Deus. E é por ser fiel a si mesmo e à missão que o Pai lhe encomendou, que Ele sofre a perseguição e o martírio. Aquilo que mais destaca na sua morte é a fidelidade à vontade do Pai. Como escreveu Santo Agostinho: “o que faz os autênticos mártires não é o sofrimento mas a causa do sofrimento”.

E este mártir, Jesus, chama todos a segui-l’O. Não se trata de viver uma religião nova de doutrinas e ensinamentos novos, trata-se de O seguir. “Se alguém quiser



ser meu discípulo renuncie a si mesmo tome a sua cruz e siga-me” (Mc 4, 14). Seguir a Cristo supõe viver em comunhão com Ele e a participar da sua vida e do seu destino; supõe entrar numa relação pessoal com Ele tão íntimas como aquelas que existem entre seu Pai e Ele (Jo 14, 20), já que têm a mesma vida com Ele. “O que me come vive por mim, como eu vivo pelo Pai” (Jo 6, 57).

Jesus, com este chamamento torna possível a realização da predestinação que o Pai fez desde a eternidade: que cada um seja conforme com a imagem de seu Filho Jesus Cristo; que sejam verdadeiros ícones de Cristo.

Este seguimento é radical e total. Exige ir até ao martírio. Já que o verdadeiro seguimento é participação na vida e no destino de Jesus, exige ser mártir como Ele. Pelo menos no desejo, propósito e intenção. Não se pode dizer que se segue autenticamente a Jesus se não se está disposto a dar a vida por Ele, caso chegue o momento ou a ocasião. O servo não é maior que o seu Senhor.

Por tudo isto se entende que o martírio é uma possibilidade constantemente presente em cada cristão, pela qual optou ao comprometer-se a seguir a Jesus. Esta linguagem, levada à sua máxima expressão: seguir Jesus, perder a vida, levar a própria cruz, supõe o martírio, uma vez que esta linguagem está essencialmente referida à morte de Cristo na Cruz. É a cruz levada por tantos mártires até ao martírio, sofrido no período das perseguições por parte do império romano, durante os três primeiros séculos do cristianismo; é a cruz levada até ao martírio por milhões de mártires sacrificados pelas ditaduras do nazismo e do comunismo no século XX; é a cruz levada até ao martírio por tantos e tantos mártires ao longo da história da Igreja, em todas as partes do mundo. Todos eles demonstraram uma integridade e uma incrível honestidade no seguimento de Cristo, levando-o até às suas últimas consequências.

O chamamento de Jesus a segui-l’O, deixando tudo por Ele e levando a sua cruz, é um chamamento ao martírio. Assim o compreendeu o mártir Santo Inácio de Antioquia. Vai a caminho de Roma, a caminho do martírio e escreve aos fiéis da Cidade eterna que não façam nada por o salvar: “Excitai, mas é, as feras para que sejam o meu sepulcro e não deixem nem rasto do meu corpo... Então serei verdadeiro discípulo de Jesus, quando o mundo não veja jamais o meu corpo” (*Carta aos Romanos* 4, 2). “Tende compaixão de mim, aquilo que me convém eu o sei; agora começo a ser discípulo de Jesus” (*ib.* 5, 3). “Deixai-me ser imitador da paixão do meu Deus” (*ib.* 6, 3). “Este é o momento em que vou nascer...; não me impeçais de nascer para a vida”

E aos fiéis de Éfeso, que souberam que ele ia preso por ser cristão, escreve esperando a sua oração, para que possa lutar em Roma com as feras para poder conseguir ser discípulo de Jesus (*Carta aos Efésios* 1, 2). Embora esteja preso pelo nome de Jesus, de modo nenhum é perfeito em Cristo. É agora que começa a ser discípulo Seu e fala como a condiscípulos.

No *Martirologio de S. Policarpo*, bispo de Esmirna, consideram-se os mártires como os autênticos seguidores do mártir Jesus Cristo. S. Policarpo é chamado o sócio da paixão de Cristo e pede-se aos seus discípulos que também eles mereçam ser seus companheiros e condiscípulos no martírio. Contempla-se o martírio por Jesus e o Evangelho como a expressão suprema do seguimento de Cristo, do seu discipulado.

Assim o entendeu São João Crisóstomo. Ao comentar as palavras evangélicas (toma a tua cruz) escreve: “Não disse negue-se a si mesmo até à morte, senão tome a sua cruz que é apontar a mais ignominiosa das mortes e que isto não há que fazer uma ou duas vezes, senão durante a vida inteira. Leva – é isto que diz – por todas as partes a morte e está preparado cada dia parra derramar o teu sangue... Mas eu quero que os meus seguidores, os meus atletas lutem até ao derramamento do seu sangue, que baixem à arena dispostos a serem degolados. De sorte que, embora haja que suportar a morte e morte ignominiosa e morte maldita e por má suspeita, tudo há que suportar generosamente e até se regozijar por isso” (Hom. in Mt 55, 2).

Portanto uma coisa fica clara acerca de tudo o que dissemos: a ascese praticada pelos primeiros cristãos é a ascese do martírio

O martírio, segundo opinião de Orígenes é a suprema acção de graças, a suprema *Eucaristia* do cristão: “O santo cuja nobreza quer responder aos benefícios com que Deus o adornou, procura o que é que poderá fazer pelo Senhor como resposta a tudo aquilo que d’Ele recebera. E não encontra nada que possa responder a estes benefícios e possa ser dado a Deus pelo homem. Porque está escrito no salmo 115 (pergunta delicada): “Que darei eu ao Senhor por tudo aquilo que d’Ele recebi?”. Depois vem a resposta do que se manda dar ao Senhor por tudo o que d’Ele se recebeu: “Tomarei o cálice da salvação e invocarei o nome do Senhor”. O cálice do Senhor é o nome usual para indicar o martírio, como o encontramos no próprio Evangelho, quando aqueles que querem sentar-se à direita e à esquerda do Senhor no seu Reino... Este cálice é o martírio”.

O martírio por amor

O seguimento de Jesus até às suas últimas consequências, se não acaba no martírio cruento, leva consigo, isso sim, o martírio do amor, alimentado de sacrifícios, dores, renúncias contínuas, provas e sofrimentos. A palavra grega *martíria* significa textualmente: testemunho verdadeiro de factos comprovados, dos quais se é testemunha experiencial, e que implica pessoalmente aquele que testemunha. Este é o significado no Evangelho de S. João, que é o que a utiliza mais vezes. Os discípulos têm que dar testemunho de Cristo, pois são as suas testemunhas. Ao aceitarem o seguimento de Jesus, comprometem-se a ser testemunhas vicenciais d’Ele. Sereis minhas testemunhas pois estais comigo desde o princípio (Jo 15, 27).

A palavra *martíria* desdobrou-se em duas palavras que, se bem coincidem no sentido mais profundo do mesmo, refere-se a dois modos de testemunhar a favor de Cristo: o mártir e o confessor. A palavra mártir reservou-se durante os três primeiros séculos do cristianismo, para época das perseguições que culminava numa morte violenta.

Com a paz de Constantino acabou-se oficialmente a perseguição aos cristãos e a palavra mártir começou-

se a aplicar não só àquele que derrama o seu sangue como expressão suprema do seguimento de Jesus, como também a todo aquele que pelo caminho de uma plena identificação com os ideais de Cristo e com Ele próprio pela perfeição do amor, como expressão perfeita do seguimento de Cristo e o seu desejo de martírio, dá a vida dia a dia por Ele.

P. JEREMIAS CARLOS VECHINA, OCD

O longo martírio



Redento da Cruz e Dionísio da Natividade

Tomás Rodrigues da Cunha nasceu em 1598, em Paredes de Coura, Viana do Castelo, num pequeno lugar chamado Lizouros, da freguesia de Cunha. Muito jovem ainda dirigiu-se a Lisboa, onde embarcou para a Índia vindo a ser nomeado capitão pela sua valentia nas batalhas em que tomou parte. Na cidade de Tata, no reino de Sinde, conheceu os Carmelitas Descalços que aí tinham uma comunidade. A princípio o prior escusou-se a admitir o capitão da guarda de Meliapor, pensando que ele não era para aquele género de vida, mas este tanto insiste que o prior acedeu ao seu pedido deixando-o tomar hábito e iniciar o Noviciado. Tomás toma então o nome de Frei Redento da Cruz. No ano de 1620, foi fundado o nosso convento de Goa, para onde foi enviado Frei Redento, depois de ter sido conventual de Diu.

No ano de 1600, nasceu em França Pedro Berthelot. Também este jovem se inclinou para o mar, fazendo-se marinheiro apenas com 12 anos de idade. Em 1619 também embarca para a Índia, onde trabalha para a armada francesa e holandesa, ao serviço de quem se tornou

A beatificação dos nossos irmãos mártires da guerra civil espanhola deve ser para nós ocasião de repensarmos a nossa vocação e o amor a Jesus que nos anima. Tendo presente a espiritualidade cristã, aquela que animava os mártires e os tornava intrépidos no testemunho, concluímos que o martírio está na sua entranha e faz parte do seguimento de Jesus. Na espiritualidade teresiana isto é manifesto: “Claro está que, se é verdadeiro religioso ou homem de oração e pretende gozar favores de Deus, não há-de voltar costas ao desejo de morrer por Ele e sofrer martírio. Pois não sabeis, irmãs, que a vida do bom religioso, que quer ser dos amigos mais chegados de Deus é um longo martírio?” (C 12, 2).

Santa Teresa de Jesus e as suas ânsias de martírio

Há um acontecimento na vida de Santa Teresa que teve lugar na sua infância e que ela nos conta, que ilumina e identifica a sua existência. Ao fazer referência aos seus irmãos havia um com quem ela se juntava para ler vidas de santos. Algumas impressionavam-na sobremaneira. “Tinha um, quase da minha idade, que era aquele a quem eu mais queria, embora a todos tivesse grande amor e eles a mim. Juntávamos ambos a ler a vida dos santos. Como via os martírios que, por Deus, as santas passavam, parecia-me comprarem muito barato o ir gozar de Deus e desejava muito morrer assim. Não pelo amor, que eu entendesse ter-Lhe, senão para gozar, tão em breve, dos grandes bens que lia haver no Céu. E tratava com este meu irmão do meio que haveria para isso. Combinámos ir a terra de mouros, esmolando por amor

célebre ascendendo a piloto de caravela. Finalmente colocou-se ao serviço dos portugueses que o nomearam Piloto-mor e Cosmógrafo das Índias. Deixou-se influenciar pelo nosso Carmelita Filipe da Santíssima Trindade e decidiu como ele, fazer-se carmelita. Recebeu o hábito na véspera de Natal tomando o nome de Frei Dionísio da Natividade. Em 1636, os holandeses atacaram Goa. O Vice-rei das Índias escreve ao Prior dos Carmelitas, pedindo-lhe licença para o noviço Frei Dionísio comandar as operações, o que veio a acontecer. O Piloto-mor e Cosmógrafo das Índias, agora vestido de hábito castanho e capa branca e calçando sandálias conduziu a esquadra portuguesa à vitória. Em 1638 foi ordenado sacerdote. Em 1638 foi pedido novamente ao Prior dos Carmelitas que autorizasse Frei Dionísio a comandar uma nova expedição. Concertadas as coisas Frei Dionísio escolheu e pediu por companheiro Frei Redento da Cruz que ao despedir-se da comunidade disse sereno e de bom humor: “Se eu for martirizado pintem-me com os pés bem de fora do hábito, para que vendo as sandálias todos saibam que sou carmelita descalço. Traídos pelo rei de Achem a armada portuguesa foi surpreendida e presa. Tentaram por todos os meios fazê-los renegar a fé o que não conseguiram de nenhum dos 60 prisioneiros. Decidiram o seu suplício. Frei Redento foi o primeiro a ser martirizado encorajando os companheiros de martírio. Frei Dionísio o último para a todos confortar. Era o dia 29 de Novembro de 1638. Quando em Goa se soube do acontecimento, repicaram os sinos na Igreja do Carmo como em dia de grande festa e cantaram um *Te Deum* em acção de graças.



Carmelitas de Compiègne

Em 1604, um grupo de Carmelitas Descalças, conhecidas e amigas da Santa Madre Teresa, dirigiram-se a França a fim de implantar naquela nação a obra de Santa Teresa e S. João da Cruz. Entre os conventos fundados encontra-se o de Compiègne. A partir de 1774, ano em que Luís XVI sobe ao trono, a França torna-se num caos sócio-político. A vida social francesa transforma-se lentamente num inferno. Em 1790, os detentores do poder tomam conta do convento das carmelitas de Compiègne obrigando-as a despirem o hábito e a abandonarem a vida religiosa. Estas, porém, organizaram-se em três grupos, vivendo em casa de particulares onde seguram a vida comunitária, continuando a prestar obediência à Irmã Teresa de Santo Agostinho, que era a priora. Assim foram vivendo, até ao ano de 1794. No ano de 1792, a Comunidade inteira fez voto de se oferecer a Deus pelo martírio a fim de obter a paz na França e na Igreja. Foram presas a 22 de Junho de 1794. E, mesmo presas, continuaram fiéis à vida comunitária como se estivessem tranquilas no seu convento. No dia 12 de Julho, são transportadas em duas carroças para Paris com as mãos atadas atrás das costas. Pelo caminho iam rezando pelos seus carrascos, dizendo como Cristo, que eles não sabiam o que faziam. Em Paris, a 16 de Julho, celebraram com todo o entusiasmo que lhes foi possível a festa de Nossa Senhora do Carmo. No dia 17 foram conduzidas à guilhotina cantando hinos, cânticos e salmos. A Madre Teresa de S. Agostinho pediu para ser a última, o que lhe foi concedido. Uma a uma, as 16 filhas de Santa Teresa e S. João da Cruz ajoelham diante da Madre pedindo a bênção e a licença para morrer, dirigindo-se a seguir

de Deus, para que lá nos decapitassem; e parece-me que nos dava o Senhor ânimo em tão tenra idade, se víssemos algum meio; mas o termos pais parecia-nos o maior embaraço. (V 1, 5).

Embora este sonho não tivesse final feliz, marcou a espiritualidade desta mulher, uma vez que, aos seus 50 anos, Teresa ao fazer o relato da sua vida não pode deixar passar aquela aventura de criança que deixou marcas na sua alma, ânsias de martírio. E tanto é assim que encontramos nos seus escritos frequentes referências ao martírio. Quando ela teme que a possam escolher para priora da Encarnação escreve: “para mim só pensá-lo era tão grande tormento que a qualquer martírio me determinava a passar por Deus com facilidade” (V 35, 7).

Na visita que faz ao recém fundado convento de S. José de Avila um frade franciscano que vinha das Índias, ao referir como tantas almas se perdiam, Teresa comenta: “Havia tanta inveja aos que podiam por amor a nosso Senhor ocupar-se nisso, embora passassem mil mortes (martírio)” (F 1, 7).

Perante os desejos de servir a Deus, acompanhados com ímpetos tão grandes que ela não sabe encarecer, julga que nada nem ninguém o poderia impedir: “Parece-me então que nenhum trabalho nem coisa alguma se me poria diante, nem morte nem martírio, que eu não os padecesse com facilidade” (CC 1, 5).

Seguimento de Cristo e martírio

Qualquer expressão ou movimento sinceros de seguimento de Cristo conduz ao “martírio”, cruento ou incruento, com sangue ou sem ele. Para Teresa de Jesus seguir a Cristo é questão de enamoramento. Não se trata de um processo ascético mais ou menos duro, mas de se colocar numa atitude e decisão de O imitar. Esta experiência de imitação vai criando comunhão e bem depressa se descobre a cruz e Aquele que está nela crucificado.

Para Teresa de Jesus seguir a Jesus leva consigo, viver a sua mesma vida e partilhar o seu destino e sorte: “Não é boa esposa, aquela que quer sorte diferente do marido”.

O valor da cruz vem-lhe do Crucificado, a quem chamamos sempre o “mártir” do Calvário. “Olhai o que

para o cadafalso. A guilhotina foi interrompendo, mas não desanimando os cânticos que as Irmãs cantavam. A Madre viu as cabeças cortadas e os corpos sem vida das suas Irmãs, até que chegou o momento de também ela se entregar ao martírio. Acabados os cânticos e consumado o martírio, a multidão, covarde e contraditoriamente silenciosa, dispersa-se confusa e atabalhoada. Passados 10 dias, terminou a tormenta que ao longo de dois anos tinha regado com tanto sangue e lágrimas o solo francês: as Carmelitas de Compiègne, que se haviam oferecido pela paz, venceram duplamente: no seu martírio, que não foi em vão, e na paz alcançada.



Mártires de Rochfort

Dos 547 sacerdotes e religiosos martirizados na Revolução francesa, 64 foram beatificados. Entre esses mártires contam-se três carmelitas descalços: Frei João Baptista, Frei Miguel Luís, Frei Tiago.

Frei João Baptista Duverneuil, que na Ordem teve o nome de Leonardo, nasceu em 1759, entrando no seminário diocesano em 1780, veio a ordenar-se em 1783. Resolveu entrar na Ordem na qual foi proibido viver, como todos os religiosos, pelas leis de liberdade, igualdade e fraternidade, preconizadas pela Revolução. A nova constituição exigia a assinatura de um documento no qual se separava da Igreja de Roma. O Padre Leonardo recusou-se terminantemente, trabalhando para ajudar os outros a manterem-se fiéis. Foi preso e condenado à deportação. Encarcerado num dos barcos ancorados em Rochfort, manifestou uma profunda vida de oração, dando testemunho de um

profeta sem medo, nem de perigos, nem de ameaças. Consumido pela fome e pela doença morreu a 1 de Julho de 1794 com 35 anos de idade.

Frei Miguel Luís Brulard nasceu em 1758 e depois de ter terminado os seus estudos de Teologia na Universidade de Paris, entrou na Ordem. Depois da destruição dos conventos retirou-se para a sua terra natal e tal como Frei Leonardo lutou contras as leis injustas. Foi aprisionado e deportado para os barcos ancorados em Rochfort. Um sobrevivente da deportação descreve-nos este homem como “um digno filho de S. Teresa que só vivia de sacrifícios e não falava de outra linguagem senão a da mais pura espiritualidade. Ninguém pode acreditar, sem o ter visto como um corpo vivo pode chegar a um ponto inconcebível de magreza, como eu o vi reduzido”. Morreu com 36 anos de idade a 25 de Julho de 1794.

Frei Tiago Cagnot nasceu em 1753. Fez a sua profissão religiosa em 1774, tomando na Ordem o nome de Humberto do S. Cláudio. Foi afamado confessor e pregador. Como todos os outros foi obrigado a deixar o convento em 1791 e encarcerado em 1793, qualificado de “fanático perigoso” pelo Comité revolucionário. Nos barcos-prisão em Rochfort, dedicou-se este carmelita ao serviço dos doentes a quem cuidava, com todo o esmero e carinho, enquanto a própria doença lho permitiu. Caindo doente, foi ele também ocupar um lugar entre os doentes que tão bem tratara e ali entregou a sua vida a Deus com 41 anos de idade. Era o dia 10 de Setembro de 1794. Juntamente com os outros prisioneiros, os nossos irmãos carmelitas sofreram o impensável: fome, frio e calor, cheiros insuportáveis, febre, doenças, privação de comunicação e perseguições. Os seus carcereiros pareciam ter como propósito fazê-los morrer lentamente, pouco a pouco, obrigando-os a beber gota a gota o cálice da amargura. Souberam perdoar aos seus perseguidores e pedir para os seus verdugos, como escrevia um dos deportados “a exemplo do divino mestre, que pediu pelos seus algozes” nós perdoamos aos nossos perseguidores os seus ultrajes, as suas injustiças, as suas violências, e pedimos ao Senhor que os maus tratos que nos deram sirvam de expiação para aqueles que no-los obrigaram a padecer.

custou a nosso esposo o amor quer nos teve, que por nos livrar da morte, a passou tão penosa como morte de Cruz” (5M 3, 12).

As ânsias de martírio em Santa Teresa encontram o seu sentido no Crucificado por amor. Encanta-lhe repetir a experiência de S. João no momento supremo do martírio de Jesus, ou a da sua Mãe Maria, “quando estava ao pé da Cruz e não adormecida, senão padecendo a sua santíssima alma e morrendo dura morte” (MC 3, 11).

A própria Teresa nos deixou um testemunho enternecedor da sua reacção perante a Paixão de Cristo: “se começava a chorar pela Paixão, não sabia acabar até que me quebrava a cabeça” (4M 1,6).

Quem compreende a crucifixão de Cristo como um mistério de amor e de vida muito depressa aceitará, como lei de vida, a entrega definitiva de Jesus na Cruz, como expoente de uma loucura de amor. Desde essa compreensão ressoam os conselhos de Teresa: “Ponde os olhos no Crucificado” (7M 4, 8). “Que por este caminho que foi Cristo hão-de ir aqueles que o seguem” (V 11,5).

Ao ponto de concluir o livro das Moradas com esta pergunta feita aos seus leitores: “Sabeis o que é ser espiritual de verdade?”.

E ela própria dá a resposta a partir da sua experiência: “Fazer-se escravos de Deus, a quem marcados pelo seu ferro que é a Cruz... os pode vender por escravos de todo o mundo, como Ele o foi” (7M 4, 8).

Isto equivale a seguir a Cristo sem condições, até identificar-se com Ele na sua experiência martirial. Teresa de Jesus aceitou esta regra de jogo. Seguiu a Cristo, amou a Cristo, não teve medo de participar da sua vocação de “mártir”.

Como diz S. João Crisóstomo, aqueles que tomaram esta orientação na vida e os que morreram nas perseguições sangrentas “são da mesma dignidade”

Teresa escreveu um belo texto para as suas filhas de S. José de Ávila, mas que se pode estender a todos: “Torno a dizer que está tudo ou grande parte em perder o cuidado de nós mesmos e das nossas comodidades, pois, quem de verdade começa a servir ao Senhor, o menos que lhe pode oferecer é a vida, visto já ter dado a sua vontade” (12, 2).



Mártires de Guadalajara

De 1936 a 1939 a Espanha viveu anos terríveis, debatendo-se com uma guerra civil. Tal ódio gerou muitas mortes e muito sofrimento, enriquecendo a Igreja com muitos mártires. Entre eles contam-se estas três irmãs carmelitas descalças de Guadalajara. Foram as primeiras mártires da guerra civil a serem beatificadas.

A Irmã Maria Pilar de S. Francisco de Borja nasceu numa família de onze irmãos e tornou-se o único amparo de sua mãe viúva, depois de alguns terem morrido e de outros se terem consagrado ao Senhor. Sempre resistiu a ser freira, mas indo um dia assistir à Profissão Solene de uma sua irmã Carmelita, Deus chamou e, na alegria dos seus vinte anos veio a entrar no Carmelo. A irmã Maria Pilar propôs-se ser no Carmelo uma “formiguinha de Jesus que permanentemente levasse ao sacrário os seus grãosinhos para consolar o Senhor”. Costumava dizer que uns minutos diante do sacrário lhe davam mais paz do que todas as conversas espirituais. Pedia constantemente a Maria, Mãe da Misericórdia, que velasse por si.

A Irmã Teresa de S. João da Cruz entrou no Carmelo aos 16 anos, abandonando as honras de uma promissora carreira musical. Gostava imenso de estar diante do sacrário, a “tomar banhos de sol”, como costumava dizer. Desejava ardentemente

“ser exteriormente como todas as irmãs e interiormente como nenhuma”. Numa carta deixou escrito: “Viva Cristo Rei. Oxalá possa um dia repetir este “viva” na guilhotina.

A Irmã Maria dos Anjos de S. José, entre os seus dez irmãos brilhava desde pequena pela mansidão e alegria, sem nunca chorar. Tinha um extremo amor a Jesus Eucaristia, a Nossa Senhora e aos pobres. As suas amigas costumavam dizer: “Se vivermos muitos anos, ainda a veremos nos altares”. Entrando no Carmelo tornou-se uma humilde violeta perfumando tudo com a sua humildade. Era sacrificada, disponível e heróica. Um dia afirmou: “Ser mártir... que felicidade tão grande! Mas como não sou digna dessa graça, é preciso alcançá-la pela felicidade nas coisas pequenas”.

Estas três carmelitas professaram no Carmelo de Guadalajara.

No dia 22 de Julho de 1936, a comunidade viu-se obrigada a abandonar o convento e a refugiar-se numa casa particular. Mas a presença de tantas irmãs na mesma casa era arriscado e perigoso. Resolveram, então, separar-se diminuindo desta maneira o risco de serem descobertas, passando três irmãs a viver noutra lugar. Ofereceram-se, precisamente, as três que viriam a ser martirizadas. Era o dia 24 de Julho, dia em que o Carmelo celebrava a festa das Mártires de Compiègne. Antes de se separarem a Irmã Pilar declarou: “Se nos levarmos para o martírio iremos a cantar, como as nossas mártires”. Referia-se às mártires de Compiègne. Já na rua, trajando à civil, cruzaram-se com um grupo de milicianos armados. Um bradou: “Disparem que estas são freiras!”. A Irmã Maria dos Anjos caiu redondamente no passeio da rua, com o coração atravessado por uma bala. A Irmã Maria do Pilar, dando mais uns passos, caiu no passeio um pouco mais à frente. Exangue, esvaído em sangue e com a voz trémula, rezava: “Meu Deus, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem”. Ao chegarem os soldados e vendo-a ainda com vida, a rezar e a beijar o crucifixo, crivaram-na de balas e, como se não fosse suficiente, cravam-lhe no seio

E conclui com uma interrogação: “Pois, não sabeis, irmãs, que a vida do bom religioso e que quer ser dos amigos mais chegados de Deus é longo martírio?” (C 12, 2).

Quanto mais mártires tenha uma família religiosa, mais qualidade de vida terá. Assim lhe comunicaram “desde cima” à própria Santa Teresa: “Estando uma vez rezando perto do Santíssimo Sacramento, apareceu-me um Santo cuja Ordem tem estado um tanto decaída. Tinha nas mãos um grande livro, abriu-o e disse-me que lesse umas letras, que eram grandes e muito legíveis e diziam assim: Nos tempos vindouros florescerá esta Ordem; haverá muitos mártires” (V 40, 13).

Para o Carmelita o seguimento de Jesus supõe viver numa atitude martirial permanente, animado por grandes desejos de ser mártir, tendo presente que o mais importante não é este ou aquele modo de dar a vida, mas o amor com que se vive e o amor porque se morre. Diz S. João da Cruz: “Uma alma tem grandes desejos de ser mártir. Deus poderá responder-lhe, dizendo: «Tu serás mártir». Recebe interiormente uma grande consolação e confiança de que o será; contudo, pode não morrer mártir e a promessa ser verdadeira. Mas como é que pode, se não foi assim que sucedeu? Porque se pode cumprir, e cumprir-se-á, no seu sentido mais importante e essencial, isto é, Deus conceder-lhe-á essencialmente o amor e o prémio de mártir. Assim, Deus verdadeiramente concede à alma o que ela formalmente desejava e Ele prometeu. É que o desejo formal da alma não era aquele género de morte, mas oferecer a Deus o serviço de mártir e exercer-se no amor por Ele, como mártir. Aquela maneira de morrer não vale nada em si sem este amor. Ele pode conceder-lhe perfeitamente, através de outros meios, o amor, a experiência e o prémio do martírio. E, embora não morra mártir, a alma fica satisfeita porque recebeu o que desejava” (2S 19, 13).

**P. JEREMIAS
CARLOS VECHINA, OCD**

um punhal. A Irmã Teresa foi poupada no primeiro acto. Um soldado prontificou-se a ajudá-la, conduzindo-a para um lugar deserto, para aí a obrigar a gritar: “Viva o Comunismo!”. Ela, descobrindo as intenções do soldado, deitou-se a correr, de braços abertos em cruz, gritando: “Viva Cristo Rei!”. Uma bala no coração acabou-lhe com a vida. A Irmã Maria do Pilar tinha 39 anos, a Irmã Teresa 27, e a Irmã Maria dos Anjos 31.



**Maria Sacrário
de S. Luís Gonzaga**

Nasceu em Lillo (Toledo a 8 de Janeiro de 1881. Coursou a carreira de farmácia, sendo uma das primeiras mulheres que alcançaram esse título em Espanha. Em 1915 entrou no Carmelo de Santa Ana e São José de Madrid. Pelo seu espírito de oração e o seu amor à Eucaristia incarnou perfeitamente o ideal contemplativo e eclesial do Carmelo Teresiano.

Durante o seu ofício de Priora da comunidade desencadeou-se a guerra civil de Espanha e a Irmã Maria Sacrário foi uma das suas vítimas. Sofreu o martírio, por fuzilamento, graça ansiada por ela, com firmeza de ânimo e o ardor do seu amor a Cristo, na manhã do 15 de Agosto de 1936, na “Pradera do Santo”, precisamente, um mês depois das suas três irmãs carmelitas de Guadalajara. Foi beatificada por João Paulo II a 11 de Maio de 1998.

**«Deixai-me ser emissor
da paixão do meu Deus»**

(S. Inácio de Antioquia)

Mártires da guerra de Espanha



Eufrásio do Menino Jesus
(Barredo Fernández)

Nasceu em Cancenes do Concelho de Corvera (Astúrias) a 8/2/1897. Ingressou no colégio teresiano dos Carmelitas Descalços de Villafranca de Navarra. Fez a sua Profissão no dia 26 de Julho de 1916. Foi ordenado sacerdote no dia 23/9/1922. Destinado a Cracóvia a fim de fortalecer a presença carmelita naquelas terras, ali permaneceu de 1926 a 1928. De regresso a Espanha foi eleito prior de Oviedo. A 5 de Outubro de 1934 estala a revolução de Astúrias. Perante esta adversidade procurou refúgio para os seus religiosos. Ele tratou de fugir. Subiu o alto muro da horta e ao perder o equilíbrio caiu rompendo a anca. Ao ir piorando solicitou que o levassem ao hospital. Os milicianos arrancaram-no da cama do hospital e conduziram-no ao Mercado Velho. Colocado de pé junto a um muro, e antes de receber os disparos, dirigiu-se aos pistoleiros com estas palavras: “Eu vos perdoo, meus filhos”. A seguir gritou por três vezes: “Viva Cristo Rei!”.



Lucas de São José
(José Tristany Pujol)

Nasceu a 14/12/1872 em Lérida. Entrou no Carmelo teresiano vindo a professar no Deserto de las Palmas a

20/8/1891. Depois de estudar filosofia em Ávila e teologia em Valência foi ordenado sacerdote a 27/5/1899. Destacou-se como pregador e escritor. Exerceu vários cargos de responsabilidade na Ordem. De 1921 a 1925 foi Provincial e depois Definidor Geral, residindo em Roma até 1933. De regresso a Espanha foi eleito prior de Barcelona e Provincial em 1936. Na manhã de 20/7/1936 saiu do convento acompanhado de dois guardas civis e um militar. Este último foi abatido a tiros. Então o P. Lucas tentou fugir mas, ao ser reconhecido como religioso pelos milicianos, golpearam-no primeiro e depois dispararam sobre ele, caindo morto a poucos metros do convento.



Jorge de São José
(Antonio Bosch Verdura)

Nasceu em Tarragona a 6/9/1889. Fez o seu Noviciado no Deserto de las Palmas, onde veio a professar a 9/9/1906. Terminados os seus estudos foi ordenado sacerdote a 20/3/1915. Em 1929 é eleito prior de Barcelona onde exercerá o seu ministério até aos trágicos acontecimentos de 1936. As testemunhas só disseram que, ao ter que abandonar o convento a 20 de Julho, a Guarda civil tentou protegê-lo, fazendo-o subir para um carro. Alguém que subiu detrás deu-lhe uma pancada na nuca, deixando-o morto ou inconsciente. Não se conhecem mais pormenores. Morreu a 20/7/1936



Jaime de Santa Teresa
(Jaime Gascón Bordás)

Nasceu em Forcal (Castellón) a 12/10/1908. Aos dezasseis anos entrou no noviciado do Deserto de las Palmas onde veio a professar a 12/3/1903. Terminados os seus estudos foi ordenado sacerdote em Zaragoza a 14/10/1909. Em 1918 foi incorporado à Província de Catalunha no convento de Barcelona. Foi professor de Teologia Dogmática e Moral e dedicou-se ao confessional. Diabético nunca gozou de boa saúde. No dia 20/7/1936, quando saía do convento foi golpeado até cair ferido. Depois foi arrastado e levado até ao carro da polícia onde um miliciano disparou. Levaram-no ao hospital onde morreu a 24/7/1936, devido às feridas recebidas. Foi enterrado no cemitério de Sarriá.



João José de Jesus Crucificado
(Juan Páfila Montlleó)

Nasceu em Tortosa (Tarragona) a 19/8/1911. aos dezasseis anos entrou no Seminário Menor dos Carmelitas Descalços de Parafrugell, com a intenção de ser sacerdote. Mas pouco tempo depois optou por ser irmão leigo, fazendo como tal, dois anos de noviciado em Tarragona. Foi destinado a Barcelona, onde a 6/4/1930, fez a sua profissão solene e, desde então desempenhou o ofício de porteiro, conquistando com a sua afabilidade e cortesia a simpatia e o afecto das pessoas. Vestido à secular, tentou sair do convento por uma porta lateral, em companhia do irmão Marcelo, mas foi reconhecido como religioso pelos milicianos que rodeavam o edifício e abatido a tiro poucos metros mais adiante. 20/7/1936

«Não sabeis, irmãs, que a vida do bom religioso e que ser dos amigos mais chegados de Deus é longo martírio?»

(Santa Teresa de Jesus)



Romualdo de Santa Catarina
(José Guillamí Rodó)

Nasceu em Llançà (Gerona) a 3/2/1866. Entrou no Noviciado do Deserto de las Palmas onde veio a professar a 13/4/1882. Terminados os seus estudos superiores foi ordenado sacerdote a 1/3/1890. Três anos mais tarde foi enviado para o Monte Carmelo (Israel), onde exerceu o ofício de ecónomo da comunidade e reitor da paróquia de Haifa. Em 1905 foi destinado a Barcelona e em 1906 eleito prior de Tarragona. De 1915 a 1930 exerceu o cargo de Vigário Provincial e depois de Provincial de Catalunha. Intuiu a riqueza espiritual da carmelita de Lisieux, Teresa do Menino Jesus, e foi o grande promotor da difusão das suas obras e tradutor. No dia 20/7/1936 o P. Romualdo refugiou-se na casa de seu pai, que vivia perto do convento der Barcelona, mas dois dias depois os milicianos fizeram um registo e prenderam-no. Parece que no dia 24/7/1936 na estrada da Arrabassada e ali o mataram. Pouco tempo depois a família identificava o cadáver no Hospital Clínico.



Pedro Tomás da Virgem do Pilar
(Pedro Fortón Cascajares)

Nasceu em Zaragoza a 26/4/1888. Ingressou no noviciado dos Carmelitas Descalços do Deserto de las Palmas, onde professou a 15/10/1905. Terminados os seus estudos de filosofia e teologia foi ordenado sacerdote a 30/6/1912. Foi

eleito prior de Valência em 1924 e de Zaragoza em 1927. Em Julho de 1936 viajou até Barcelona para pregar a novena de Nossa Senhora do Carmo. Obrigado a abandonar o convento, embora fosse vestido à secular, foi reconhecido pelos revolucionários. Estes, em plena rua, tanto lhe bateram que o deram por morto, abandonando-o na esquina do convento. Os milicianos levaram-no até à costa de Garraf (Barcelona) e atiraram-no ao mar. Era o dia 10/10/1936.



Luís Maria da Mercê
(uís Minguell Ferrer)

Nasceu em Pola de Gordón a 13/6/1902. Ingressou no Noviciado de Tarragona, vindo a professar a 15/8/1918. Foi ordenado sacerdote em Tarragona a 20/12/1924. Conventual de Barcelona para o resto da vida, ocupou-se da escola e do colégio. Ao estalar a perseguição religiosa em Julho de 1936, o P. Luís refugiou-se em casa de uns amigos e, depois em casa de uns tios. Embora tivesse conseguido documentação para abandonar o país cedeu-a ao P. Guilherme da Santíssima Trindade. Surpreendido em casa de um irmão foi preso a 26 de Setembro. Conduzido à prisão de S. Elias, não mais se teve notícia dele, até que depois de um ano, uma testemunha referiu como a 22/10/1936, o tiraram da prisão para o matar.



Afonso do S. Coração de Maria
(Alfonso Arimany Ferrer)

Nasceu em Balaguer (Lérida) a 19/3/1905. Entrou para o Noviciado em Agosto de 1920, vindo a professar no dia 28/8/1921. Estudou filosofia em Badalona e teologia em Barcelona. A 10/10/1926 viajou até ao Monte Carmelo para participar nas Missões estrangeiras e a 15/4/1928 recebe a ordenação sacerdotal de mãos do Patriarca de Jerusalém. A 23/9/1936 foi detido pelos milicianos. Conduzido à Praça da Sagrada Família, onde o comité tinha a sua sede, ficou recluso nas celas dos condenados à morte, e, na noite do 25/9/1936, foi fuzilado.



Eduardo do Menino Jesus
(Ricardo Farré Masip)

Nasceu em Torms (Lérida) a 20/4/1897. Fez o noviciado em Tarragona onde professou a 10/8/1913. Terminados os estudos teológicos foi ordenado sacerdote em Lérida a 13/6/1920 e destinado ao México. Em 1923 abandona o México, a causa da perseguição religiosa, e passa para os Estados Unidos onde é eleito prior de Washington. A seguir é escolhido como Vigário Provincial para as fundações americanas. Em 1933 toma parte no Capítulo Geral da Ordem e é destinado a Barcelona. Em 1936 foi escolhido para prior de Tarragona. Estando a pregar a novena de Nossa Senhora do Carmo nas Madres Carmelitas Descalças de Tiana, foi preso pelos milicianos no dia 25 e conduzido a Montcada (Barcelona) onde foi fuzilado naquela mesma noite.



Gabriel da Anunciação
(Jaime Balcells Grau)

Nasceu em Valls (Tarragona) a 12/10/1908. Terminado o noviciado em Tarragona professou a 24/11/1924. Em 1929 é enviado a Roma onde frequenta o Colégio Internacional da Ordem e completa os seus estudos. É ordenado sacerdote a 10/7/1932. Foi nomeado professor do Colégio Internacional. No Verão, tendo vindo gozar um período de férias a Espanha, foi preso no dia 20 de Julho e martirizado a 25/7/1936 em Montcada.



Joaquim de São José
(José Casas Juliá)

Nasceu em Ordal (Barcelona) a 22/12/1914. Em 1931 ingressou no Noviciado de Tarragona, fazendo a sua profissão a 5/8/1932. Estudou três anos de filosofia e um de teologia, quando se viu surpreendido pela perseguição religiosa de Julho de 1936. Consegui fugir do convento de Badalona e refugiar-se em casa da família Grau. Ali foi detido a 27/9/1936 pelos milicianos e levado a Villafranca del Penedés (Barcelona), fuzilado no dia seguinte às onze e meia da noite, na praça de Moja. No dia seguinte foi sepultado por uns camponeses no cemitério da povoação.



Joaquim de São José
(José Casas Juliá)

Nasceu em Múrcia a 24/11/1912. Depois do noviciado feito em Tarragona professou a 8/9/1929. Foi ordenado sacerdote a 11/4/1936. ao estalar a perseguição a 20 de Julho, pode fugir e refugiar-se em Badalona, em casa da sua irmã, onde esteve durante mês e meio. Depois foi a casa de seus pais, onde foi detido, durante um registo, a 17 de Setembro. Seu pai quis segui-lo mas também a ele o detiveram, e ambos, na véspera da Epifania, às 10 da noite, foram retirados da prisão e não se soube mais deles. Crê-se que foram fuzilados na estrada de Montcada e enterrados nalguma fossa comum.



Marcelo de Santa Ana
(José María Masip Tamarit)

Nasceu em El Cogul (Lérida) a 2/3/1914. Em 1929 fez o noviciado em Tarragona onde professou a 27/7/1930. Em 1931 foi enviado ao Monte Carmelo (Israel) para estudar filosofia e cumprir ao mesmo tempo com o requisito militar, como colaborador nas missões estrangeiras. Regressou a Barcelona para prosseguir os estudos de teologia. Durante os acontecimentos do 20/7/1936, deram-lhe um golpe com a coronha da arma. Julgando-o ferido conduziram-no a uma clínica de onde consegui escapar refugiando-se em casa de uns conhecidos do Santuário de Santa Teresinha de Lérida, que viviam em Barcelona. No dia 3 de Setembro foi detido. E no dia 6 levaram-no e nunca mais se soube dele.

«Ultrajado não respondeu com injurias, torturado não proferia ameaças, senão que se entregava em mãos d'Aquele que julga com justiça?»

(1 Pedro2, 23)



António Maria de Jesus
(Antonio Bonet Seró)

Nasceu em Albi (Lérida) a 20/3/1907. Aos quinze anos ingressou no noviciado de Tarragona, onde professou a 15/4/1923. Terminados os estudos de filosofia em Badalona é enviado a Roma, para cursar a teologia e aqui recebeu a ordenação sacerdotal a 21/12/1929. Em 1931 é destinado a Barcelona, onde ensina teologia e, mais tarde, será designado director do Colégio de Teologia. No dia 24 de Julho foi ao convento de Barcelona visitar os religiosos feridos. Detido a 3 de Setembro foi transferido para um chalé do Passeio de São João. No dia 7 levaram-no e nunca mais se soube nada dele.



Eusébio do Menino Jesús
(Ovidio Fernández Arenillas)

Nasceu em Castilfalé (León) a 21/2/1888. Eram sete irmãos. Destes, cinco abraçaram a vida religiosa. Fez o seu noviciado em Segóvia vindo a professar em 1904. Feitos os seus estudos de filosofia e teologia em Toledo, Ávila e Salamanca, foi ordenado sacerdote em 1912. Foi destinado a Cuba onde chegou em 1917. Tanto em Cuba como em Espanha escreveu muitíssimo, publicando várias obras. De volta a Espanha ocupou vários cargos na sua Província, como prior do convento da Santa em Ávila, mestre de espíritos dos teólogos de Toledo e por fim prior de Toledo. Foi martirizado a 22/7/1936, tendo-se adiantado aos milicianos que o procuravam, para que não fizessem mal algum à sua família que o tinham acolhido em sua casa.



Nazário do Sagrado Coração
(Del Valle González)

Nasceu em Castilfalé (León) a 28/7/1901. Professou a vida carmelitana em Segóvia em 1904. Realizou os seus estudos de filosofia e teologia em Toledo, Ávila e Salamanca, tendo sido ordenado de sacerdote em 1923. Foi destinado a Cuba, onde chegou em 1917. Aí desenvolveu um grande apostolado tanto da palavra como da escrita. Voltou a Espanha em 1929, desenvolvendo grande apostolado em Valladolid e Ávila. Em 1936 foi destinado a Toledo, onde alcançou a palma do martírio a 31/7/1936. Nos dias anteriores ao martírio infundiu ânimo aos demais e irmãos e a outras pessoas.



Pedro José dos Sagrados Corações
(Jiménez Vallejo)

Nasceu a 22/2/1861 em Valdeprado (Sória). Foi mestre de escola e, feitos os seus estudos eclesiásticos, ordenou-se de sacerdote em 1885. Ingressou no Carmelo, no noviciado do Deserto de las Palmas em 1894 e, transferido para Segóvia, professou aqui em 1895. Em Janeiro de 1900 foi destinado pelos superiores a Cuba onde desenvolveu um grande apostolado, por meio da palavra e da escrita, até que em 1906 voltou para Espanha. Foi destinado a vários conventos: Alba de Tormes, Ávila, Salamanca. Em 1924 passou a Toledo, sendo professor de Teologia Moral, Direito Canónico e Liturgia. Foi martirizado a 31/7/1936 juntamente com outros seis companheiros.



Romão da Virgem do Carmo
(José Grijalvo Medel)

Nasceu a 27/3/1896 em Calahorra (Logroño). Em 1908 ingressou no Seminário de Medina del Campo. Professou a vida carmelitana em Segóvia em 1914. Fez os estudos filosóficos em Ávila e os teológicos em Toledo, ordenando-se de sacerdote em 1922. Foi professor de Humanidades, de Patrologia, História da Igreja e Teologia Espiritual nos colégios da Ordem. Desde 1930 residiu em Toledo, sendo martirizado a 31/7/1936.



Tirso de Jesus María
(Gregorio Sánchez Sancho)

Nasceu em Valdecarros (Salamanca) a 19/4/1899. Em 1910, ingressou no Seminário Teresiano de Medina del Campo. Terminado o liceu, professou no Carmelo de Segóvia em 1916. Estudou filosofia em Ávila e teologia em Toledo, vindo a ordenar-se de sacerdote em Dezembro de 1923. Em 1924 é enviado pelos superiores a Cuba. Distinguiu-se pela pregação. Escreveu muito em prosa e mais ainda em verso. De regresso a Espanha, 1933, é destinado a Toledo. Preso pelos milicianos em finais de Agosto de 1936, é encarcerado e submetido a um julgamento injusto, perante um Tribunal Popular de Toledo que o condena à morte a 6 de Setembro. Foi fuzilado ao amanhecer do dia 7/9/1936. Dá, ao morrer, exemplo impressionante de como há que perdoar, bendizer e amar, tal como já tinha feito em carta dirigida a seus pais, escrita poucas horas antes de ser fuzilado.



José Agostinho do S. Sacramento
(Tomás Mateos Sánchez)

Nasceu a 17/9/1912 em Anaya de Alba (Salamanca). Ingressou no Seminário Teresiano de Medina del Campo em 1924 e professou a vida carmelitana em Segóvia em 1928. Estudou filosofia em Ávila e teologia em Toledo e Salamanca. De regresso a Toledo em 1936, faz a sua Profissão solene no dia de S. Pedro e S. Paulo, recebe as ordens menores dias depois e é martirizado a 22/7/1936.



Hermilo de Santo Eliseu
(Pedro Ramón Rodríguez Calle)

Nasceu em Fuensaldaña (Valladolid) a 14/4/1913. Órfão de pai e mãe é educado num Centro de beneficência de Valladolid. Ingressa no Seminário Teresiano de Medina del Campo em 1925. Professou a vida carmelitana em Segóvia em 1929. Feitos os seus estudos de filosofia e teologia em Ávila, Salamanca e Toledo, professou solenemente a 29/6/1936. Recebe as ordens menores dias depois e é martirizado a 22/7/1936.



Eliseu de Jesus Crucificado
(Esteban Cuevas Casquero)

Nasceu a 26/12/1913 em Besande (León). A sua mãe morreu quando ele nasceu e a criança é cuidada e educada por um seu tio sacerdote. Ingressa no Seminário Teresiano de Medina del Campo em 1926. Terminado o liceu, professa a vida carmelitana em Segóvia em 1930. Estuda filosofia em Toledo e Ávila e teologia em Toledo. Feita a sua Profissão solene, em Dezembro de 1935, recebe as ordens menores em Junho e Julho do ano seguinte. Com grande valentia e amor fraterno saiu ao encontro daqueles que o procuravam, para evitar, desta maneira, a morte a quem o tinha acolhido em sua casa. Foi martirizado a 22/7/1936.



Perfecto da Virgem do Carmo
(Perfecto Domínguez Monge)

Nasceu em Besande (León) a 18/4/1914. Foi baptizado no dia seguinte e confirmado em Setembro de 1914. Ingressou no Seminário Teresiano de Medina del Campo em 1926. Terminados os estudos de Humanidades, passou para o Noviciado de Segóvia onde professou em Agosto de 1930. Fez filosofia em Toledo e Ávila e teologia em Toledo e Salamanca. Professou solenemente em Toledo em Fevereiro de 1936, e recebeu as ordens menores em Junho e Julho de 1936. Foi martirizado a 22/7/1936. Perdeu-se um grande talento com a morte deste jovem.



Melchior do Menino Jesus
(Melchor Martín Monge)

Nasceu a 18/7/1914 em S. Pedro de Cansoles (Palência). Foi baptizado

a 22 do mesmo mês e confirmado em 1917. Ingressou no Colégio Teresiano de Medina del Campo em 1917. Daqui passou ao Noviciado de Segóvia onde professou a vida carmelitana em 1930. Estudou filosofia e teologia em Toledo e Salamanca. Fez a sua Profissão solene em Toledo em Fevereiro de 1936, recebeu as ordens menores em Junho e Julho de 1936 e foi martirizado em Toledo a 31/7/1936, juntamente com outros seis membros da mesma comunidade.



Constâncio de São José
(José Mata Luis)

Nasceu em Las Heras (Palência) a 23/8/1914. Foi baptizado aos oito dias e confirmado em 1917. Ingressou no Colégio Teresiano de Medina del Campo em 1926. Terminados os estudos de Humanidades, passa ao Noviciado de Segóvia onde professa em Agosto de 1930. Estudou filosofia em Toledo e Ávila e cursa dois anos de Teologia no Colégio Internacional que a Ordem Tem em Roma. Regressa a Espanha e vai terminar os seus estudos em Toledo. Feita a sua Profissão solene, é ordenado subdiácono a 6 de Junho de 1936 e martirizado em Cabañas de la Sagra (Toledo), juntamente com José Maria da Dolorosa, companheiro de comunidade a 30/7/1936.



Félix da Virgem do Carmo
(Luis Gómez de Pablo)

Nasceu em Valladolid, capital, em Janeiro de 1912. Baptizado aos poucos dias, recebeu a confirmação em Maio de

1918. Começou os seus estudos no Colégio de São Tiago Apóstolo e prosseguiu-os no Instituto Geral e Técnico da cidade. Opta pela vida religiosa e vai para o noviciado dos Carmelitas Descalços de Segóvia, onde professa em 1930. Estuda filosofia em Toledo e em Ávila e teologia em Salamanca e Toledo. Feita a sua Profissão solene em 1933, recebe a tonsura e as quatro ordens menores em Junho e Julho de 1936. É martirizado, juntamente com outros seis membros da sua comunidade, a 31/7/1936, em Toledo.



Plácido do Menino Jesus
(José Luis collado Oliver)

Nascido em Madrid, capital a 25/1/1912, baptizado a 1 de Fevereiro, recebeu a Confirmação em 1918. Depois de ter frequentado o Colégio de dona Luz e de La Sale, continuou os seus estudos no famoso Colégio de Santo Antão, dos Padres Escolápios. Concluída a carreira de Comércio, manifesta em família a sua vocação religiosa. Anda ao mesmo tempo muito activo na Acção Católica e em 1930 entra no Noviciado dos Padres Carmelitas de Segóvia, professando em Março de 1931. Estuda filosofia em Toledo e Ávila. Começa o estudo da teologia em Salamanca, mas tem que interromper por ter sido chamado ao seu batalhão à frente de Astúrias em 1934. De regresso a Toledo, em Janeiro de 1935, continua os estudos de teologia. Professou solenemente e recebe as ordens menores em Junho e Julho de 1936. Exemplar na sua vida, com fama de santidade, é martirizado em Toledo, juntamente com outros seis companheiros da sua comunidade a 31/7/1936.

Jesus pede o sacrifício e renúncia das relações, ainda as mais íntimas, como as dos pais e dos irmãos, quando estas impedem o seguimento d'Ele

(Cfr: Mt 10, 34-35)



José Maria da Dolorosa
(Vicente José Álamo Jiménez)

Nasceu em Fondón (Almeria) a 3/8/1901. recebeu o Baptismo dois dias depois e a Confirmação em 1910. Discernida a sua vocação para o Carmelo, será irmão leigo. Ingressou no Noviciado em Segóvia em 1925, vindo a professar em Fevereiro de 1928. Exerceu o ofício conventual de porteiro e sobretudo de cozinheiro, sendo extraordinário e muito competente na cozinha. De carácter sumamente alegre. Junto dele não havia tristezas. Foi martirizado em Cabañas de la Sagra (Toledo), a 30/7/1936, juntamente com Constâncio de S. José, companheiro de comunidade.



Daniel da Sagrada Paixão
(Daniel Mora Nine)

Nasceu em Pontevedra, capital, a 17/2/1908. Foi baptizado no mês seguinte e confirmado em 1915. Entrado na juventude ocupa um lugar de músico na banda do Regimento de Zaragoza, com guarnição em Santiago de Compostela. Bem aconselhado pelo capelão do Regimento, prepara-se para ir para o convento. Com boas informações chega ao convento de Segóvia dos Padres Carmelitas Descalços em Janeiro de 1931. Fez o seu primeiro ano de Noviciado em Medina del Campo e o segundo em Segóvia, onde professa em Outubro de 1933, na qualidade de irmão converso. Foi destinado para Toledo em 1934 e ali esteve exercendo o ofício de porteiro do convento. Foi martirizado em Toledo a 31/7/1936, juntamente com outros seis membros da comunidade toledana.



Clemente dos Sagrados Corações
(Clemente López Yagüe)

Nasceu a 25/11/1911 em Campo de São Pedro (Segóvia). Foi baptizado no dia seguinte e confirmado em 1915. Exerceu o ofício de pastor e trabalhador nos caminhos de ferro Madrid-Burgos. Sempre desejou ser sacerdote, não o podia ser devido à pobreza da família. Com imensa alegria ingressou no noviciado carmelitano de Segóvia em 1935. Recebeu o hábito a 19 de Agosto. Depois de uns meses em Segóvia, foi destinado a Toledo para fazer ali o seu primeiro ano de noviciado, como irmão converso. E ali alcançou o martírio a 22/7/1936.



Santa Teresa Benedita da Cruz
(Edith Stein)

Edith Stein nasceu a 12 de Outubro de 1891, no seio de uma família de judeus. A cidade que a viu nascer chama-se Breslau, na Alemanha. Apaixonadíssima da verdade procurou-a com toda a sua alma, desde a sua juventude. Não encontrou a verdade, nem na religião judaica nem na filosofia que entretanto estudou e ensinou como professora universitária.

Na idade de 15 anos passa uma forte crise de fé. Declara-se atea e abandona a religião por não encontrar sentido nela. As questões da vida, do mundo, da mulher vão adquirindo um peso específico nesta adolescente. Cumpridos os vinte e um anos, muda-se para Gottinga, e a questão que se torna obsessiva é a pergunta pela verdade. O encontro com Max Scheler faz com que o mundo da fé se lhe apresente novamente.

No dia 3 de Agosto de 1916 defende, em Friburgo, a sua tese de doutoramento sobre a “Empatia”, com nota máxima.

A primeira sacudidela forte do mundo da fé na vida de Edith acontece em 1917: O seu amigo, Adolfo Reinach morre na frente do campo de batalha. O encontro com a viúva, a sua serenidade e esperança desfazem os seus argumentos racionais. Consta que a força da cruz pode vencer a dor e a morte. Isto suscita nela uma crise existencial.

No mês de Junho de 1921 tem lugar o golpe de graça. Encontra-se em casa de sua amiga Hedwig Conrad-Martius, em Bad-Bergzabern, lê a autobiografia de Santa Teresa de Jesus que a fez confessar: “Aqui está a verdade”.

No dia 1 de Janeiro do ano seguinte tem lugar a sua entrada na Igreja católica, com o baptismo na Igreja de São Martinho de Bad-Bargzabern. E a 2 de Fevereiro recebe o sacramento da confirmação na capela do bispado de Espira. Por ser judia é-lhe impedida toda a actividade pública o que faz acelerar a realização do seu maior desejo: entrar no Carmelo. A 14 de Outubro de 1933 acaba por ingressar na clausura das carmelitas descalças de Colónia e no ano seguinte, 15 de Abril, toma o hábito com o nome de Teresa Benedita da Cruz, vindo a professar, no ano seguinte, a 21 de Abril.

Porque os judeus correm perigo, Teresa Benedita muda-se para o Carmelo de Echt, na Holanda, a 31 de Dezembro de 1938. No dia 2 de Agosto de 1942 é capturada, juntamente com a sua irmã Rosa, pelas SS e conduzidas ao campo de concentração de Amesfoort (Holanda). No dia 4 de Agosto são levadas para o campo de Westerbork e a 7 do mesmo mês, deportadas para o campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau, onde chegam a 9. Neste mesmo dia são assassinadas na câmara de gás.

No dia 1 de Maio de 1987 é beatificada por João Paulo II no estádio de futebol de Colónia e em 11 de Outubro de 1998 é canonizada em Roma.

“Se te decides por Cristo, isto pode custar-te a vida”

(Teresa Benedita da Cruz)

“Se quiseres entrar com Ele na glória celeste, tens que te deixar cravar na sua cruz”

(Teresa Benedita da Cruz).

“A ciência da cruz só se pode adquirir se se chega a experimentar profundamente a cruz”

(Teresa Benedita da Cruz).

“Só desejo que a morte me encontre num lugar isolado, longe do convívio dos homens, sem irmãs do convento para orientar; sem alegrias que me possam consolar, provada com todas as penas e dores. Queria que Deus me provasse como serva, depois d’Ele ter provado no meu trabalho a resistência do meu carácter; queria que me visitasse com a doença, como me provou na saúde e na força; queria que me deixasse tentar no opróbrio, como o fez com o bom nome que tive diante dos meus inimigos. Senhor, digna-te coroar a cabeça da tua indigna serva com o martírio...”

(Teresa Benedita da Cruz).

“Eu falava com o Salvador e dizia-Lhe que sabia que era a sua cruz que agora tinha sido colocada sobre o povo judeu. A maioria não o compreendia, mas aqueles que o sabiam, deveriam carregá-la livremente sobre si em nome de todos. Eu queria fazer isto. Ele unicamente me devia mostrar como. Ao terminar a celebração, tive a certeza interior de que tinha sido ouvida. Mas onde devia que levar a cruz, isso ainda não sabia”

(Teresa Benedita da Cruz)

“Desde agora aceito com alegria e com perfeita submissão a Sua santa vontade, a morte que Deus me tem reservada. Peço ao Senhor que se digne aceitar a minha vida e a minha morte para a Sua honra e a Sua glória”

(Teresa Benedita da Cruz)

A cruz enquanto símbolo da paixão e morte de Cristo, e de tudo o que com estas se relacionam como sua causa e chave de explicação, compreende tanto a dimensão do abandono nas mãos de Deus, como a experiência do abandono de Deus, de tal forma que se constitui no símbolo da fé e no destintivo dos crentes.

(Teresa Benedita da Cruz)

Ao conhecer que Cristo, na sua maior humilhação e aniquilação na cruz realizou a sua maior proeza, a Redenção e a união do homem com Deus desperta nela o pensamento de que também para ela a aniquilação leva à união com Deus. É a prova suprema do amor.

(Teresa Benedita da Cruz)

A configuração com o Crucificado une-nos com a sua obra redentora que começa necessariamente pela expiação do próprio pecado. O seguidor de Cristo sabe que só com a cruz se pode libertar do pecado, porque ela é a «vitória sobre o pecado», é a «arma» necessária na luta contra o mal.

(Teresa Benedita da Cruz)

Contemplar o Crucificado no seu extremo abandono ajuda-nos a compreender as profundas exigências que entranha o seguimento de cruz. um seguimento que nunca poderá realizar-se sem o auxílio da graça divina, e que só é possível na medida em que se amadureceu espiritualmente neste caminho.

(Teresa Benedita da Cruz)

A Cruz é o caminho para a Glória da ressurreição. Não é um momento na vida, mas implica uma continuidade e unidade com tudo o que é a vida do homem. O mistério da Cruz, embora seja algo incompreensível na sua totalidade, não deixa de ter o seu aspecto concreto na vida do homem. A mesma realidade, o momento histórico, a própria limitação e a debilidade são mensagens contínuas da cruz.

(Teresa Benedita da Cruz)



**P. Afonso Maria
do Espírito Santo Mazurek**
(1891-1944)

Ao aproximar-se o fim da segunda guerra mundial, em Agosto de 1944, incrementaram-se notavelmente a hostilidade e as represálias dos nazistas na Polónia. Os Carmelitas do convento de Czerna sofreram muito de perto esta atitude por parte de quem ocupava o território polaco desde 1939. A 24 de Agosto de 1944 foi fuzilado o noviço Fr. Francisco Powiertowski. Quatro dias depois, entrou no convento o comando militar nazista, obrigando os religiosos a dirigir-se à povoação de Rudawa, distante mais de 10 Kms, para escavar as trincheiras. O P. Afonso Maria, Prior, foi separado à força da sua comunidade e obrigado a subir para um carro dos militares. Ali foi brutalmente torturado e maltratado por eles. Chegados à povoação de Nawojowa Gora, andados umas dezenas de metros o automóvel deteve-se junto a um campo. O Padre foi obrigado a descer e a caminhar. Dois soldados detiveram-se atrás dele e começaram a chamá-lo aos gritos. Quando ele se voltou para eles começaram a disparar. O Padre caiu por terra. Os assassinos aproximaram-se dele e ao verem que ainda vivia, encheram-lhe a boca de terra. Ferido de morte e sem sentidos foi levado num carro puxado por cavalos para o cemitério de Rudawa, que distava uns 3 Kms. Os religiosos Carmelitas de Czerna, que se dirigiam para as escavações, encontraram o carro no caminho e descobriram o P. Afonso moribundo. Um dos sacerdotes ainda lhe pode dar a absolvição antes que morresse. Era o 28 de Agosto de 1944, vigília de S. João Baptista, de quem o P. Afonso foi grande devoto. Durante todo o tempo tinha tido o rosário na mão, que apertava também depois da morte, com testemunharam os que encontraram o cadáver. Com serenidade e unido ao Senhor na oração aceitou a morte injusta, oferecendo a Deus a sua vida. Tinha 53 anos de idade. Os Carmelitas conseguiram recuperar o cadáver do P. Afonso Maria e, não obstante o clima de medo geral, um grande número de pessoas participou no seu funeral.

Da Carta de Santo Inácio, bispo e mártir, aos Romanos

Escrevo a todas as Igrejas e asseguro a todas elas que estou disposto a morrer de bom grado, por Deus, se vós não o impedirdes. Peço-vos que não manifesteis por mim benevolência inoportuna. Deixai-me ser pasto das feras, pelas quais poderei chegar a posse de Deus. Sou trigo Deus e devo ser moído pelos dentes das feras, para, me transformar em pão limpo de Cristo. Rezai por mim a Cristo, para que, por meio desses instrumentos, eu seja sacrifício para Deus.

Para nada me serviriam os prazeres do mundo ou os reinos deste século. Prefiro morrer em Cristo Jesus a reinar sobre todos os confins da terra. Procuro Aquele que morreu por nós; quero Aquele que ressuscitou por nossa causa. Estou prestes a nascer. Tende piedade de mim, irmãos. Não me impeçais de viver, não queirais que eu morra. Não me entregueis ao mundo, a mim que desejo ser de Deus, nem penseis seduzir-me com coisas terrenas. Deixai-me alcançar a luz pura. Quando lá chegar serei verdadeiramente um homem. Deixai-me ser imitador da paixão do meu Deus. Se alguém O possuir, compreenderá o que quero e terá compaixão de mim, por conhecer a ânsia que me atormenta.

O príncipe deste mundo quer arrebatarme e corromper a disposição da minha vontade para com Deus. Nenhum de vós o ajude; tornai-vos antes partidários meus, isto é, de Deus. Não queirais ter ao mesmo tempo o nome de Jesus Cristo na boca e desejos mundanos no coração. Não me queirais mal. Mesmo que eu vo-lo pedisse na vossa

presença, não me devíeis acreditar. Acreditai antes nisto que vos escrevo. Estou a escrever-vos enquanto ainda vivo, mas desejando morrer. O meu Amor está crucificado e não há em mim fogo que se alimente da matéria. Mas há uma água viva que murmura dentro de mim e me diz interiormente: «Vem para o Pai». Não me satisfazem os alimentos corruptíveis nem os prazeres deste mundo. Quero o pão de Deus, que é a Carne de Jesus Cristo, nascido da linhagem de David, e por bebida quero o seu Sangue que é a caridade incorruptível.

Já não quero viver mais segundo os homens; e isto acontecerá, se vós quiserdes. Peço-vos que o queirais, para que também vós alcanceis benevolência. Peço-vos em poucas palavras: acreditai-me. Jesus Cristo vos fará compreender que digo a verdade. Ele é a boca da verdade, no qual o Pai falou verdadeiramente. Pedi por mim para que o consiga. Não vos escrevi segundo a carne, mas segundo o espírito de Deus. Se padecer o martírio, ter-me-eis amado; se me rejeitarem, ter-me-eis querido mal.

«O povo cristão
celebra a memória dos seus mártires
com religiosa solenidade,
para se animar a imitá-los,
para participar dos seus méritos
e para ser ajudado com a sua intercessão;
não erguemos altares a nenhum mártir,
mas só ao próprio Deus dos mártires,
ainda que em memória dos mártires».

Santo Agostinho



Boletim Informativo das Fraternidades da Ordem Secular da Província Portuguesa de Nossa Senhora do Carmo dos Carmelitas Descalços * Fotocomposição: Delfim Machado * Responsável da publicação: P. Jeremias Carlos Vechina * Sede: Domus Carmeli – Rua do Imaculado Coração de Maria, 17 – 2495-441 Fátima Tel. 249 530 650 E-mail: jeremias@carmelitas.pt; Sítio: www.carmelitas.pt